

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

**Avaliação, Políticas e Expansão  
da Educação Brasileira 2**



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-477-1

DOI 10.22533/at.ed.771191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019



## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O USO DE AULAS PRÁTICAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Magno Marcio de Lima Pontes Maria do Socorro da Silva Batista Francisca Adriana da Silva Bezerra Wilca Maria de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A EDUCAÇÃO DO CAMPO: BREVES RELATOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO AMBIENTE RURAL	
Bruna Shirley Gobi Pradella	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A ESCOLA AVANÇADA DE ENGENHARIA MECATRÔNICA COMO LABORATÓRIO DA GRADUAÇÃO	
Gustavo Alencar Bisinotto Rodrigo Pereira Abou Rejaili Victor Pacheco Bartholomeu Juliana Martins de Oliveira Caio Garcia Cancian Luis Felipe Gomes de Oliveira Diego Augusto Vieira Rodrigues Pietro Teruya Domingues Tito Martini de Carvalho Daniel Leme de Marchi Ruan Machado Coelho Rossato Thiago Yatoki Takabatake Guilherme Augusto Rodrigues Passos Arthur Alves Tasca Bruna Sayuri de Souza Suzuki Paolla Furquim Daud Victor Siqueira Chaim Diolino José dos Santos Filho Lucas Antonio Moscato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE PRÁTICA NO ENSINO DE GEOCIÊNCIAS: UMA ABORDAGEM NO CURSO DE ENGENHARIA DE MINAS NA VISÃO DOS ESTUDANTES	
Hayanne Lara de Moura Cananéia Cibele Tunussi Lucas Alves Corrêa Carlos Henrique de Oliveira Severino Peters	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LETRAMENTO, CULTURA E PRAZER	
Fabiano Carneiro Alexandre Santiago	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910075</b>	

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>50</b>
A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	
Bruna da Rosa Sedrez	
Júlio Leandro da Silva Pereira	
Rodrigo Jappe	
Tanier Botelho dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
CADEIAS DE ATOS DOS DOCENTES DO DEPARTAMENTO DE DESENHO DA UFPR (1998-2008)	
Rossano Silva	
Adriana Vaz	
Francine Aidie Rossi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
CANAL PÕE NO BÉQUER: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DA QUÍMICA	
Aline Machado Zancanaro	
Luiz Humberto Silva Malheiros	
Agnaldo de Paula Pereira	
Cândida Alíssia Brandl	
Cainã Strücker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>74</b>
CARACTERÍSTICAS DO PCK NO ENSINO UNIVERSITÁRIO DE TRANSFORMAÇÕES QUÍMICAS	
Marcia Teixeira Barroso	
Nedja Suely Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7711910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>83</b>
DESENVOLVIMENTO DE UM JOGO EDUCATIVO PARA O ESTUDO DE FÍSICA	
Mateus da Silveira Colissi	
Gabriel Rossi Zanini	
Ricardo Frohlich da Silva	
Anderson Ellwanger	
Guilherme Chagas Kurtz	
Iuri Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>89</b>
EDUCAMPO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: RESSIGNIFICANDO EXPERIÊNCIAS	
Siméia Tussi Jacques	
Graziela Franceschet Farias	
Liane Teresinha Wendling Roos	
Bruna Lara Moreira Zottis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100711</b>	

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>98</b>
ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA SOB A PERSPECTIVA DA MODELAGEM MATEMÁTICA	
Patricia Santana de Argôlo	
Márcia Jussara Hepp Rehfeldt	
Ítalo Gabriel Neide	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>109</b>
ESTUDO COMPARADO DE DOCUMENTOS CURRICULARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A REGIÃO CENTRO-OESTE EM FOCO	
Christiane Caetano Martins Fernandes	
Fabiany de Cássia Tavares Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>119</b>
IMAGEM E AÇÃO ADAPTADO PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA FORMA LÚDICA DE ENSINO	
Camila de Souza Cardoso	
Ana Paula Elias Borges	
Ana Elisa do Prado Boschim	
Regisnei Aparecido de Oliveira Silva	
Neydson Soares Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>123</b>
INGRESSO E EVASÃO NA MATEMÁTICA DA UFPR: UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA INICIAL	
Gustavo Biscaia de Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>139</b>
INTERAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: VIVENCIANDO A ENGENHARIA QUÍMICA COM ALUNOS DE ENSINO MÉDIO	
Henrique Larocca Carbonar	
Matheus Lopes Demito	
Elis Regina Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>153</b>
MULTIMODALIDADE REPRESENTACIONAL E O ENSINO DE FÍSICA	
Leonardo Batisteti Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>163</b>
O CINEMA E O DEBATE AMBIENTAL NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFRRJ: DAS RODAS DE CONVERSA AO OCUPA-CTUR, UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA LEI 13.006/2014	
Wellington Augusto da Silva	
Adriana Maria Loureiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100718</b>	



<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>173</b>
O ENSINO DE ZOOLOGIA EM UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA	
Natália de Andrade Nunes Alessandra Dias Costa e Silva Juliane Cristina Ribeiro Borges de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>181</b>
PANORAMA DE UM ESTUDO SOBRE A FATORAÇÃO	
Míriam do Rocio Guadagnini Marlene Alves Dias Valdir Bezerra dos Santos Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>188</b>
PERCEPÇÕES, ATITUDES E PRÁTICAS ENTRE TRABALHADORES DE HOSPITAIS BRASILEIROS	
Leonardo de Lima Moura Claudio Fernando Mahler Viktor Labuto Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>198</b>
PESQUISA-ENSINO: A SISTEMATIZAÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO COMO EIXO EPISTEMOLÓGICO NO ENSINO DE FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	
Paulo Sérgio Maniesi Pura Lúcia Oliver Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>206</b>
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL E INTERDISCIPLINARIDADE NA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO SOBRE PET CIÊNCIAS RURAIS (UFSC/SC/BR)	
Zilma Isabel Peixer Andréia Nunes Sá Brito Estevan Felipe Pizarro Muñoz Luis Alejandro Lasso Gutierrez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>217</b>
PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO ENSINO, SERVIÇO E COMUNIDADE: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO CURSO DE MEDICINA	
Vinícius Gonçalves de Souza Isabella Polyanna Silva e Souza Francisco Inácio de Assis Neto Nátaly Caroline Silva e Souza Edlaine Faria de Moura Villela	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>223</b>
Q-MEMÓRIA: UM JOGO DA MEMÓRIA DIGITAL PARA O ESTUDO DE QUÍMICA NO ENSINO MÉDIO	
David Wesley Amado Duarte Igor William Pessoa da Silva Ana Karinne Feitosa Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>231</b>
REFLEXÕES E APONTAMENTOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	
<a href="#">Ana Lydia Sant'Anna Perrone</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>238</b>
METODOLOGIA DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS EM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<a href="#">Ederson Witt</a>	
<a href="#">João Henrique Gelbcke</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>252</b>
SHOW DA QUÍMICA: APRENDENDO QUÍMICA DE FORMA DIVERTIDA	
<a href="#">Juciely Moreti dos Reis</a>	
<a href="#">Fabrícia Rilene de Sousa Silva</a>	
<a href="#">Glauce Angélica Mazlom</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77119100728</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>258</b>

## O CINEMA E O DEBATE AMBIENTAL NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFRRJ: DAS RODAS DE CONVERSA AO OCUPA-CTUR, UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA LEI 13.006/2014

**Wellington Augusto da Silva**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,  
Colégio Técnico  
Seropédica – Rio de Janeiro

**Adriana Maria Loureiro**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,  
Colégio Técnico  
Seropédica– Rio de Janeiro

A versão original deste artigo foi apresentada no IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias, sediado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e ocorrido no mês de junho de 2017. Esta menção, mais do que protocolar a origem do texto, é também uma reverência àquela universidade que se transformou em um dos símbolos de esperança na educação pública e de persistência no trabalho de educadores. Durante o período de realização, tal evento acadêmico também se manifestou contra a calamitosa situação imposta à UERJ.

**RESUMO:** Localizado no município de Seropédica, dentro do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o Colégio Técnico da UFRRJ oferece cursos técnicos de nível médio, dentre os quais destacamos o curso de Meio Ambiente, com o qual ambos os autores trabalham. Como forma de ampliar o debate acerca de conteúdos disciplinares e atender à lei 13.006/2014, partimos da constatação de que o cinema, que faz parte da vida cotidiana dos jovens, pode e deve ser visto como instrumento pedagógico interdisciplinar. A Lei 13.006, de junho de 2014, prevê a exibição de pelo menos

duas horas de filmes de produção nacional a cada mês nas escolas em todo país, e é o nosso ponto de partida. O objetivo específico deste trabalho é apresentar um projeto, ainda em andamento, sobre as possibilidades de o cinema promover o debate de questões de teor socioambiental. Do ponto de vista mais geral, objetivamos (re)pensar práticas, o cotidiano, a sociedade e promover a integração entre os demais cursos do Colégio e outras disciplinas. Para isso, foram basilares para a efetividade do mesmo, as rodas de conversa, que se apresentaram como eficiente ferramenta pedagógica, levando à reflexão das questões gerais motivadoras e permitindo a observação crítica do espaço escolar. Destacamos também que, a partir dessas rodas, percebemos maior senso crítico e crescimento de consciências política e ecológica nos participantes, chegando este trabalho ao movimento de ocupação da escola em 2016.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Educação. Meio Ambiente. Rodas de conversa.

**ABSTRACT:** The Technical School of UFRRJ is located in Seropédica, within the campus of the Federal Rural University of Rio de Janeiro, and offers technical intermediate level courses, among which we highlight the course of Environment, in which both authors work. As a way of broadening the debate about

disciplinary contents and complying with the law number 13,006/2014, we start from the observation that cinema, which is part of the daily life of young people, can and should be seen as an interdisciplinary pedagogical instrument. Law 13,006, from June 2014, provides the obligation of at least two hours of national production films every month in schools across the country, and it is our starting point. The specific objective of this work is to present a project, still in progress, on the possibilities of the cinema to promote the debate of questions from socio-environmental content. From a more general point of view, we aim to (re)think practices, everyday life, society and promote integration between the other courses of the school and other disciplines. The circles of conversation were fundamental for the effectiveness of the project, when they presented themselves as an efficient pedagogical tool, leading to the reflection of the general motivating questions and allowing the critical observation of the school space. We also emphasize that, from these circles, we perceive greater critical sense and growth of political and ecological consciousness in the participants, getting this work to the movement of occupation of the school in 2016.

**KEYWORDS:** Cinema. Education. Environment. Circles of conversation.

## 1 | INTRODUÇÃO

Falar sobre a exibição de filmes em escolas pode parecer algo simples. Tal prática não é novidade. Desde a chegada dos antigos aparelhos de VHS houve uma popularização desta mídia como ferramenta pedagógica. Os filmes são utilizados, na maioria das vezes, como suporte ao conteúdo ministrado pelos docentes. Como algo a mais, que possa “enriquecer” as aulas. Mas essa popularização se deve pela similaridade entre a própria disposição da sala de aula e da sala de cinema, como afirmam Berino e Victorio Filho (2017):

As salas de projeção não diferem muito das salas de aula, nas quais é reservado o movimento e o enunciado aos professores que ocupam as telas de projeção dos conteúdos disciplinares programados. Dos antigos quadros-negros ou lousas aos quadros interativos, na verdade grandes monitores de computador passando pelos recursos diversos da projeção e utilização das imagens visuais. O professor ocupa a regência da ação pedagógica oficial e seu desempenho abrange a manutenção da diagramação desse cinema, no qual a plateia não deverá ter outro comportamento além da quietude disciplinada diante das imagens que lhe são apresentadas. Imagens não necessariamente arrebatadoras ou de força estética, mas, quase sempre ideologizadas, subordinadas a determinados e rígidos sistemas de verdades (2017, p. 460).

Sabemos que, na maioria das vezes, a escolha dos filmes é imposta pelo professor, pela disciplina, pelos conteúdos. Mas Berino e Victorio Filho, ao fazerem a análise de que as juventudes não são meros receptáculos que não modificam nem saem modificados por essas exposições, discutindo os cineclubes e suas propostas de debates, continuam:

Estudantes não são apenas aprendizes imobilizados no silenciamento e submetidos às regras da direção da aula e ao seu script. A interação, a coautoria das formações

individuais e coletivas se tornaram a cada dia mais evidentes, muito embora, e provavelmente, a atuação profundamente humana de intervir nas condições e conteúdos do que somos condenados a apreender, talvez nunca tenha sido tão ostensiva como nos dias de hoje (idem).

Concordando com essa forma de pensar, como professores de jovens, em sua maioria entre 15-18 anos, apresentamos nesta comunicação um projeto interdisciplinar desenvolvido por nós no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR) e que envolve esses jovens e o cinema.

Localizado no município de Seropédica, Baixada Fluminense, mais precisamente, dentro do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o CTUR oferece cursos técnicos – integrados ou não ao Ensino Médio. Além do Ensino Médio propedêutico, são três cursos técnicos de nível médio e um curso subsequente. Dentre esses cursos, destacamos o técnico em Meio Ambiente, com o qual ambos os autores trabalham, e, assim como os demais cursos da escola, necessita de estar em sintonia com a vida além-muros.

Para falar da união do trabalho de uma professora da área técnica, da disciplina Educação, Ambiente e Sociedade, com o trabalho de um professor do Ensino Médio, das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, buscamos a fundamentação em Edgar Morin (2011), pois há o entendimento de que os conhecimentos não devem ser compartimentados ou reduzidos. Como aprendemos com o autor, a busca pela compreensão complexa da realidade não é tarefa exclusiva das disciplinas isoladas, mas passa também pela união desses conhecimentos dispersos a fim de produzir o que ele chama de “pensamento complexo”. O autor elenca sete saberes que a escola não pode deixar do lado de fora de seus muros, dentre os quais destacamos “a ética do gênero humano”, relacionada e condicionada à natureza democrática do espaço ao qual estamos, como humanidade, inseridos: o planeta Terra. Seria a condição necessária para o “nascimento concreto da Humanidade como consciência comum e solidariedade planetária do gênero humano” (Morin, 2011, p. 114).

Além disso, na compreensão de que a interdisciplinaridade não é forçada, mas construída, buscamos o diálogo com Ivani Fazenda, que, ao ressaltar a dimensão pedagógica da interdisciplinaridade, afirma que ela “decorre mais do encontro de indivíduos do que de disciplinas” (FAZENDA, 2003, p. 71), dando, assim, ao trabalho, a clareza de que se trata de uma construção feita pelos/para os atores envolvidos no processo. Outro autor que norteia nossa ação pedagógica é Georges Gurdorf. Sabendo que a interdisciplinaridade nasce do conhecimento disciplinar, buscamos no pensador francês a ideia de que é “indispensável que a interdisciplinaridade esteja fundada sobre a competência de cada especialista” (GUSDORF, 1984, p. 30). Assim, os saberes de cada um de nós contribuem para o coletivo.

Acreditamos também que a perspectiva de Boaventura de Sousa Santos fundamenta nosso trabalho na escola pública, com todos os seus desafios contemporâneos, ao afirmar “a importância de uma reflexão e uma nova prática que



supere a fragmentação e os limites por ela impostos”. O mesmo autor sugere que a ciência atue com a finalidade de proporcionar uma vida melhor a todos e não se tornar um simples instrumento de decisões políticas, às vezes, equivocadas (SANTOS, 2011). Não pensamos o trabalho na escola separado do trabalho de pesquisa, da produção de conhecimento, nem da construção de sujeitos sociais comprometidos com a cidadania e a reflexão.

## 2 | O CINEMA NO CTUR

O trabalho com cinema no CTUR, fora do contexto das aulas formais, já ocorreu anteriormente por meio da pesquisa *Juventudes: circulação das imagens e fruição de identidades entreatos curriculares*, conduzida pelo grupo Estudos Culturais em Educação e Arte – UFRRJ/UERJ, que, entre os anos de 2010 e 2013, teve o colégio como *locus* do estudo. Nessa pesquisa, que envolvia tanto exibição de filmes, cuja escolha de temas girava sempre em torno do eixo *juvens e escola*, quanto o registro de conversas a fim de discutir identidades juvenis, a equipe promoveu debates com algumas turmas, tanto de cursos técnicos como do ensino médio, em seus horários vagos, combinados com a coordenação pedagógica. (BERINO; GIUDICE; SILVA, 2013).

Um dos fundamentos desse trabalho realizado entre 2010 e 2013 é a muito conhecida afirmativa de Paulo Freire, na qual “ensinar não é transferir conhecimento” (1996a, p. 52). Baseando-nos nessa premissa e nas possibilidades de construção coletiva desse conhecimento a partir do que os educandos vivem, associamo-nos ao fato de a escola não poder estar isolada do mundo bem como à promulgação, em 2014, da lei 13.006, que altera a LDB. Este foi o conjunto de questões que despertou os primeiros diálogos entre nós, autores desse trabalho, a respeito das perspectivas pedagógicas do cinema e a escola.

O ano de 2014 nos trouxe, como já foi dito, a lei 13.006 e com ela, uma alteração na LDB:

a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais (BRASIL, 2014).

Também no mesmo ano de 2014 houve a criação, no CTUR, de um sistema de bolsas aos estudantes, cujas verbas concretizavam uma política de assistência estudantil nas instituições federais de ensino. Gozando da autonomia financeira, o Colégio Técnico instituiu três modalidades a fim de garantir abrangência no atendimento às necessidades materiais e pedagógicas para nossos estudantes, tanto àqueles em franca situação de vulnerabilidade financeira, denominada “bolsa permanência”, como também garantir a outros tantos o acesso a métodos e técnicas, escrita e pensamento científico com as modalidades que chamamos de “apoio estudantil” e de “iniciação

científica”. Por meio de editais internos, os projetos de professores passaram a ser cadastrados e bolsistas passaram a integrar tais projetos, atuando como colaboradores e formando equipes de trabalhos. Importante afirmar desde já que tais ações, cuja realização depende também de recursos federais, encontra razoável dificuldade, no que diz respeito à sua continuidade, frente ao ambiente de incerteza e crise por que passa nosso país.

Em 2016, nós tivemos o trabalho “O Cinema e o debate ambiental no Colégio Técnico” aprovado em um desses editais. A proposta era a de atender à Lei 13.006/2014 por meio da exibição de filmes nacionais, mas com viés socioambiental, criando a possibilidade de debates sobre os filmes, sempre fora do horário regular das aulas e sem vinculação a uma disciplina específica. Esta primeira etapa de realização utilizou do critério temático para abordar questões sensíveis ao currículo do referido curso técnico: desenvolvimento social e humano, degradação do solo e consumo. As películas exibidas nessa fase foram, especificamente, documentários. A partir desses filmes, junto aos estudantes bolsistas, propusemos a reflexão e o debate sobre as nossas práticas, dentro e fora do ambiente escolar, sobre o cotidiano e a sociedade.

Metodologicamente, optamos pelas rodas de conversa como meio de promoção desse debate, além de experimentação de uma estratégia legítima para o processo de ensino-aprendizagem. Nessas atividades, marcada, fundamentalmente, por uma comunicação mais intensa e, em nossa visão, mais produtiva – propiciada também pela disposição física dos sujeitos participantes, bem como pela sua disponibilidade discursiva para o debate. Na roda de conversa, os estudantes passam a efetivos agentes do discurso e também corresponsáveis pela articulação dos conhecimentos envolvidos na discussão proposta. Entretanto, em nossa leitura, a efetividade desse instrumento se dá em potencializar, mais claramente aos estudantes, a construção coletiva dos seus conhecimentos, na medida em que podem reavaliar pré-conceitos, relacionar suas visões e, sobretudo, refletir sobre o tópico em questão. Ainda uma nota sobre essa opção metodológica. Segundo Moura e Lima (2014),

Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro. (MOURA e LIMA, 2014, p. 100)

Ainda que a título de sugestão, as rodas de conversa podem ser consideradas um gênero discursivo oral, que guarda semelhanças com outras interações verbais deste tipo. Concordamos que esta categoria de gêneros do discurso possui ainda estudo bem mais recente e menos sistemático que os de outras interações verbais escritas. Entretanto, isso não é obstáculo para constatarmos, ainda à luz de Marcuschi, teórico muito importante na Linguística brasileira, que também nas rodas de conversa se potencializa:

um saber social comum pelo qual os falantes se orientam em suas decisões acerca

Dentre esses encontros, gostaríamos de destacar a roda do dia 08 de novembro de 2016, um dia antes da ocupação da escola e que, como dia de paralisação dos professores, contou com propostas de atividades para além das aulas. Exibimos dois documentários: “Desenvolvimento a Ferro e Fogo”, uma produção do canal IBASE, braço de produção de mídia do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e “Vidas no lixo”, de Alexandre Stockler, de 2008.

O primeiro apresenta a situação trágica vivida pela população do bairro de Santa Cruz, na zona oeste do Rio de Janeiro, quando das atividades da TKCSA, megaempreendimento industrial, altamente poluidor, instalada num local, como se sabe, carente de bens sociais e equipamentos culturais do poder público.

Pela repercussão do caso flagrante de ingerência do poder econômico, em detrimento dos direitos humanos e ambientais, o documentário “Desenvolvimento a ferro e fogo” foi selecionado por ilustrar com detalhes e proximidade geográfica um tópico sensível do currículo do curso técnico em meio ambiente (áreas degradadas e sua recuperação, licenciamento ambiental).

A ideia se articulou ao debate candente à época sobre conflitos socioambientais, motivados pelo episódio da remoção de famílias no Horto, na zona sul do Rio de Janeiro, na prática, ignorado pela grande mídia. Consideramos que, devido à localização da escola e, conseqüentemente, proximidade da residência de muitos alunos, provocar a reflexão sobre conflitos em nosso entorno cumpriria um papel importante.

O outro filme exibido foi o curta “Vidas no lixo”, com a proposta de gerar uma reflexão acerca da consciência ambiental e social. Com ele tivemos o reconhecimento da importância que há em pensarmos a sociedade e compreender que o desejo do oprimido de ser o opressor, como o Leandro, rapaz que vive de catar latas nos mostra ao final do filme, não será superado senão por uma educação verdadeiramente libertadora, como nos aponta Paulo Freire (1996b). Pensar e discutir a educação, o ambiente e a sociedade dentro de um mesmo bloco é o que pode permitir a superação da dicotomia homem-natureza, que causou e vem causando sérios danos ao ambiente e, conseqüentemente, à sociedade.

### **3 | OCUPA-CTUR**

Os movimentos de ocupação de escolas secundaristas se iniciam, com força em São Paulo, no ano de 2015, por conta de uma medida daquele governo estadual denominada “reorganização do sistema educacional”. A reação estudantil atingiu várias escolas públicas reacendendo uma onda de mobilização, o que causou comoção e mobilizações pelo Brasil inteiro, como se pode atestar pelo noticiário à época.

Seguindo o rastilho de pólvora das atividades do ano anterior, 2016 seguiu a intensidade da onda de revoltas de estudantes. As ocupações de escolas públicas, no

Rio de Janeiro, por exemplo, foram potencializadas pela longa greve dos profissionais de educação do estado, culminando numa vivência semelhante à de São Paulo.

Embora não diretamente influenciado pelos episódios que destituíram a presidente Dilma, as ocupações foram instrumentos utilizados por estudantes secundaristas e universitários como forma de reação à precarização de suas instituições de ensino bem como o programa político-econômico, ainda em curso, implementado pelo governo ilegítimo de Michel Temer.

Entretanto, o fenômeno de ativismo político da juventude não pode se totalmente compreendido se isolado de determinações sócio-históricas mais gerais. O levante estudantil pela educação pública e a tentativa de ressignificar seu cotidiano no espaço escolar deve ser articulado com questões de ordem conjuntural e estrutural do próprio capitalismo. Para tanto, julgamos válidas as considerações de Soares (2016) sobre a composição e motivação social dos estudantes:

Uma massa de adolescentes e jovens que assistiram, vivenciaram ou observaram as ruas das cidades brasileiras serem inundadas por protestos a partir de junho de 2013, resolveram adotar uma postura política de ação direta, no sentido de que o Estado os vejam com mais atenção e cuidado, mesmo que em alguns casos sintam na pele a reação brutal por parte das forças repressoras (2016, p.5)

No intuito de esclarecer o sentido dessa forma específica de intervenção política, Soares continua:

A resistência desses adolescente e jovens ao adotar[em] uma linha organizativa que reúne espontaneidade, (...); autonomia, por seguir a perspectiva da autogestão e emancipação, por pautar uma escola libertária, sem a rigidez e a frieza de sua organização curricular formal. Os “ocupados” aprendem e ensinam com a energia e alegria de quem busca uma (des)ordem coletiva e comunal. (idem)

De saída, é bom reafirmar que a análise acima parte da situação específica de ocupações de São Paulo e do Ceará. Contudo, ela nos parece captar traços estruturais dessa forma de ação política da juventude contemporânea que, ao se movimentar no segundo semestre de 2016, no interior de instituições federais de ensino, rompeu com aparente passividade e denunciou aquilo que consideraram ataques à sua educação e escolarização.

Os autores partilharam dessa experiência no Colégio Técnico e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no mês de Novembro. O seu relato, neste trabalho, se justifica, pois se articula à proposta pedagógica com o cinema que ensaiamos meses antes do processo de luta estudantil.

A auto-organização dos estudantes no espaço do CTUR foi marcada por um ineditismo já que, localizado num município tipicamente rural, cujo espaço escolar se define pela ausência de muros, e por um corpo discente, há muito, não envolvido em discussões políticas gerais. Não foi sem surpresa que os autores perceberam um conjunto de atividades, incomuns ao contexto escolar específico, em cujo espaço expressões costumeiramente marginalizadas, floresceu pelas próprias mãos dos ocupantes: batalhas de rap, saraus de hip hop, exercícios de meditação e

esquetes teatrais; além de outras de caráter formativo mais geral, como oficinas de conscientização agroecológica, cineclubes, oficinas de combate à homofobia e demais opressões, por exemplo. Ainda que não se percebessem como tal, os estudantes que construíram o OCUPA-CTUR, de tradicionais receptáculos de conteúdos formais, passaram a produtores de sentido para o colégio em que vivem cerca de 10 horas por dia.

O mecanismo das rodas de conversa, que surge como alternativa pedagógica, foi instrumentalizado positivamente para debates variados, auto-organizados pelos estudantes, sobre temas áridos que estavam na pauta dos dias de ocupação: Proposta de Emenda Constitucional, Reforma do Ensino Médio, Dívida Pública e Orçamento, bem como outros de caráter cultural e formativo: uso de agrotóxicos, tropicalismo e ditaduras latino-americanas.

Por fim, em nossa visão, as atividades do OCUPA-CTUR, ainda que, por vezes, não tenham contado com a audiência de um filme nacional motivador tal qual preconizamos em nosso projeto, valeram-se das rodas de conversa como ferramenta de auto-organização dos estudantes. É possível afirmar que elas se consolidaram como uma ferramenta viva para o que pode ser consciência política e ecológica dos estudantes. Temos a convicção de que foi a estrutura dialógica e democrática da roda de conversa o fundamento primeiro para estimular a continuidade do projeto “cinema e o debate ambiental no Colégio Técnico”, não apenas como uma entre várias atividades da ocupação, mas como semente de ação e reflexão sobre o papel da juventude e seus interesses/aflições.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rodas de conversa se mostraram eficientes em dois aspectos: levaram os alunos a refletir a respeito das questões gerais motivadoras e permitiram a observação crítica do espaço escolar. A constituição dialógica desse instrumento nos permite também concluir que a articulação entre leituras prévias, reflexão e diálogo com posterior socialização das ideias e conteúdos são elementos renovadores de uma prática pedagógica que dialogue com demandas contemporâneas dos estudantes.

Ainda do ponto de vista linguístico, acompanhamos Marcuschi e podemos constatar que: “Apesar de intuitivo e pouco sistemático, este [gênero] não deixa de ser um conhecimento social cuja observância esperamos de todos os parceiros de comunicação” (2008, p. 187), ao relatar que o diálogo vivo entre os participantes os forma como agentes do discurso e construtores coletivos de seus conhecimentos.

É possível associar o caráter instável e pouco sistemático dos próprios gêneros discursivos orais, de que nos falou o eminente linguista, à estrutura da roda de conversa, instrumento metodológico por nós empregado para construir ferramentas alternativas à sala de aula tradicional. Este mesmo recurso se constituiu como espaço de reconhecimento da alteridade e reformulação de ideias, num fluxo constante de



descoberta e reavaliações, tal qual a própria experiência do OCUPA-CTUR que, ao buscar se inserir no movimento geral de ocupações estudantis, revelou possuir traços que, assim como as demais,

transformam-se na senha para centenas de adolescentes e jovens ocuparem o espaço público que lhes pertence de fato e, reivindicarem do Estado melhores condições de existência e um conhecimento mais formativo para a vida em comunidade. (SOARES, 2016, p.6)

Retomando Paulo Freire, nossa opção pelas rodas de conversa justificou-se a partir da afirmativa do autor que “educar exige disponibilidade para o diálogo” (1996a p. 152). Por meio das rodas, percebemos maior senso crítico e surgimento de consciências política e ecológica nos participantes desses encontros. O fundamento de uma verdadeira escola pública e democrática que deve ser o do diálogo conduzindo à autonomia.

## REFERÊNCIAS

BERINO, Aristóteles; GIUDICE, Gilliatt Moraes; SILVA, Monique de Oliveira. Filmes vistos com jovens na escola: Nos rastros de Rashomon, narrativas de uma pesquisa. IN: BERINO, Aristóteles; SOARES, Conceição (Orgs.). **Educação e Imagens II** [recurso eletrônico]: currículos e dispositivos de produção e circulação de imagens. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

BERINO, Aristóteles; VICTORIO FILHO, Aldo. Conversas com Jovens e Escolas que passam pelos Filmes e por Nossas Vidas. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 455-472, abr./jun. 2017. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/64320/40984>> Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. Lei 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm)> Acesso em: 20 abr. 2017.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 19 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996b.

GUSDORF, Georges. **Para uma pesquisa interdisciplinar**. Diógenes, n. 7, Brasília: Editora da UnB, p. 25-44, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em <[periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338](http://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338)> Acesso em: 15 abr. 2017.

MELO, Marcia Cristina Henares; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v.4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>> Acesso em: 15 de abr. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, José Alex Santos. É tempo de ocupar: indignação infanto-juvenil nas escolas públicas brasileiras. In: VII EPMARX – Encontro de Grupos de Estudos e Pesquisas Marxistas – Marxismos e Lutas de Classes no Brasil. João Pessoa, 2016. Anais. Universidade Federal da Paraíba, 2016. Disponível em < <http://epmarx16.blogspot.com.br/p/anais.html>>. Acesso em: 23 de abr. 2017.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-477-1

